



## CRÍTICA DIALÉTICA EM TEMPOS PÓS-MODERNOS? Edvaldo A. Bergamo<sup>1</sup>

*Marx, Zola e a prosa realista*

Autora: Salete de Almeida Cara

São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 248 p.

O próprio título do novo livro de Salete de Almeida Cara chama a atenção de imediato. Por que Marx e Zola aparecem juntos numa obra que pretende analisar a prosa realista? Para a estudiosa, ambos são referências obrigatórias quando se têm em mira os acontecimentos históricos do século XIX que não apenas são a matéria viva da narrativa romanesca do período, como também fatores decisivos para a compreensão crítica do gênero, entendido tal qual a maior expressão artística de um tempo marcado pelo avanço desenfreado do capitalismo industrial e financeiro e pelo aprofundamento dos modos de exploração das classes trabalhadoras.

O ensaio da referida pesquisadora almeja não só a compreensão dos acertos e descompassos da obra de Zola, bem como apresentar uma refinada reflexão crítico-teórica sobre os desafios da prosa realista num momento histórico em que o romance é a forma privilegiada de representação de conflitos econômicos, ainda significativos pelos seus desdobramentos em nossa época, é preciso assinalar. E a obra do precursor do naturalismo é um terreno fértil para especular sobre as potencialidades e os limites do gênero no enfrentamento de problemas sociais que ocupavam cada vez mais espaço nos compêndios científicos, na imprensa e na vida cotidiana.

<sup>1</sup> Professor na Universidade de Brasília.

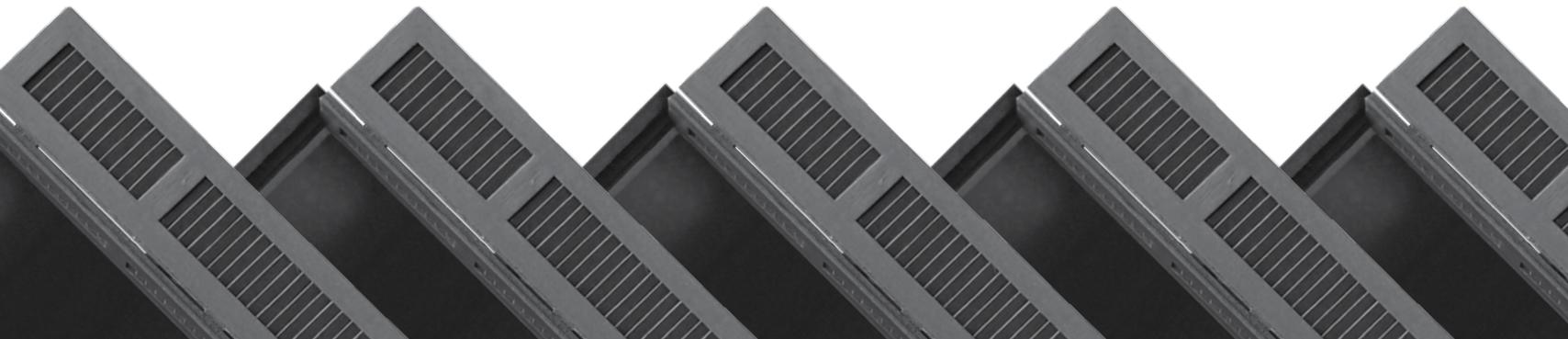
O objeto de análise crítica destacado pela autora é o ciclo dos Rougon-Macquart, preferencialmente. Um conjunto de romances que, na mesma medida que a prosa ensaística de Marx, apresenta uma visão contundente dos acontecimentos históricos marcantes da França da segunda metade do século XIX: o II Império e a III República. Tanto o pensador revolucionário quanto o romancista naturalista demonstram um conhecimento aprofundado daquela conjuntura social desagregadora, e se em Marx a perspectiva radical não esmorece diante de obstáculos aparentemente intransponíveis do modo burguês de vida, em Zola, numa obra em especial do ciclo romanesco é, no mínimo, decepcionante, pela demonstração de certa capitulação ideológica do romancista diante dos fatos testemunhados.

Para Salete de Almeida Cara, analisar detidamente um significativo romance do ciclo, *La Débâcle*, é um ato crítico extremamente relevante, não por considerá-lo um ápice da produção literária de Zola, mas, exatamente pelo contrário, por encontrar em suas deficiências conexões com um projeto romanesco maior, o mencionado ciclo, e mesmo com a própria condição histórico-literária da prosa realista no século XIX, uma vez que as contradições apontadas iluminam retrospectivamente o conjunto de romances e acabam flagrando embaraços formais e ideológicos de um plano romanesco ambicioso que, nos momentos altos, como em *L'Assommoir*, capturou eficientemente os dilemas de uma sociedade em profundas transformações e, nos piores, rendeu-se a apelos conservadores.

Antes da análise propriamente dita do romance mais problemático de Zola, Salete de Almeida Cara enfrenta as principais dificuldades teóricas concernentes à interpretação estético-ideológica do conceito de realismo no romance e na arte em geral. No processo de acumulação crítica, do qual o próprio livro da ensaísta é um exemplo ilustrativo e um novo marco para os pesquisadores do romance, as escolhas, que embasam as suas reflexões e apontam as suas filiações, recaem sobre aqueles teóricos que são reconhecidos como os grandes estudiosos do realismo, como Auerbach e Adorno, sem deixar de considerar a tradição crítica nacional, com Antonio Candido e Roberto Schwarz. Vale ressaltar ainda que a autora não abre mão igualmente dos exaustivos trabalhos de Lukács sobre o tópico, contudo realiza sérios reparos às ponderações do filósofo húngaro, o que demonstra a sua independência crítica e a utilização parcimoniosa dessa tradição teórica acumulada.

Para a análise da prosa realista, Salete de Almeida Cara aciona um arsenal de leituras impressionante. São referenciados constantemente importantes romancistas do século XIX, estudiosos das obras mais marcantes do período, além de trazer, à baila, diversos pesquisadores antigos e contemporâneos do realismo, o que demonstra uma competência acadêmica singular, pois articula com desenvoltura saber teórico e exercícios de leitura instigantes. Cabe destacar, como sugere o próprio título do livro, que a densa prosa ensaística de Marx sobre os acontecimentos históricos franceses do século XIX, reavivados na obra de Zola, não funciona no trabalho de Salete de Almeida Cara apenas como informações adicionais e complementares aos juízos narrativos do referido romancista. No cotejamento dos textos e na articulação dialética de tais reflexões, a pesquisadora reconhece que a radicalidade reflexiva de Marx não encontrou a mesma acolhida no romance de Zola. A alta temperatura revolucionária que movimenta o texto marxista não se sustenta em todo o ciclo dos Rougon-Macquart, que parece dispensar a intensa visada crítica que mobilizou a idealização e execução de boa parte do projeto, terminando por fazer concessões conservadoras numa das produções desse *roman-fleuve*, o já referido *La Débâcle*, de 1892.

A leitura desse romance de Zola é exemplar como exercício de crítica literária porque não dispensa o tratamento dialético da matéria histórica e narrativa. A tensão detectada não pode ser apreendida apenas com a recuperação conteudística do assunto que arma o romance: a Guerra Franco-Prussiana e a Comuna de Paris. A pesquisadora surpreende na maneira de conduzir o problema dos conflitos históricos e sociais estampados na obra o principal desarranjo que compromete a narrativa, tanto em nível ideológico quanto formal. Isto é, os titubeios do narrador, caracterizados principalmente por um distanciamento incerto diante de uma



matéria explosiva, são as pistas mais significativas para relevar os desencontros de uma voz narradora que, ao não tomar posição, afetam formalmente a configuração romanesca e revelam um retrocesso do romancista diante das conquistas ideológicas do realismo. A posição equidistante do narrador esvazia qualquer tentativa de enquadramento crítico e radical dos acontecimentos narrados, por preferir uma saída ideológica conservadora que compromete a percepção dialética da História, considerada uma das principais aquisições da prosa realista, ou em outras palavras, a necessidade de permanência no romance qualificado de realista da historicidade como uma estratégia para colocar a sociedade sempre em evidência crítica. Com tal objetivo, não se trata de transformar o romance em retrato especular do meio social, um equívoco teórico já superado, mas de erigi-lo em instrumento (mediação) privilegiado de conhecimento radical da sociedade, ao desvelar seus mecanismos mais sofisticados de alienação e reificação.

A História não é e nunca foi mero discurso, a ser descrito como uma teia de sentidos construídos e desconstruídos constantemente, como querem os defensores de teorias exóticas da atualidade. A necessária condenação da ciranda financeira do capitalismo global, do aprofundamento das desigualdades econômicas e da brutalidade da exploração do trabalho pelo capital não pode ser analisada como mera expressão de ideologias concorrentes que afloram na construção da textualidade do discurso histórico e/ou narrativo. As mazelas sociais provocadas pela conjuntura contemporânea são tão evidentes e catastróficas que as armas disponíveis parecem não ser suficientes para combatê-las eficazmente e o seu mascaramento tem efeitos ainda piores. O livro de Salete de Almeida Cara é uma demonstração de que Marx continua com a razão. É o que revela este primoroso trabalho de crítica literária dialética.